



Faculdade Internacional Teológica Reformada  
Disciplina: TS 601 – O Espírito Santo e a Igreja  
Prof: Rev. Leandro Antônio de Lima  
Aluno: Walker Calvet Ozório Corrêa  
Data: 13 de Dezembro de 2020

### Resenha Crítica

FERGUSON, Sinclair B. **O Espírito Santo**. São Paulo: Os Puritanos. 2014(E-book).

### **Análise do texto**

O livro está dividido em onze capítulos. O autor desta obra se propõe a esclarecer a respeito da pessoa e obra do Espírito Santo que ainda costuma ser uma área de controvérsias entre os cristãos. O autor afirma que ele partilha da convicção de que “ainda há uma nova luz faiscando da palavra de Deus sobre a igreja”

**No capítulo 1**, o autor irá procurar definir quem ou o que é o Espírito Santo. Desta maneira o autor irá se esmerar em definir o sentido das palavras bíblicas “ruach” no AT e “pneuma” no NT. Referências bíblicas serão feitas ao texto sagrado para referir ao Espírito Criador e Recriador de todas as coisas, a Presença governante do divino “ruach”. Uma segura abordagem textual irá tratar do Espírito Santo e a Santa Palavra de Deus. Neste sentido o autor afirma que:

***“O que interessa é que a atividade do divino “ruach” é precisamente aquela da extensa presença de Deus na criação de uma forma tal que ordena e completa o que fora planejado na mente de Deus. Este é exatamente o papel que o Espírito, caracteristicamente, cumpre em toda a Escritura. No Novo Testamento, o Espírito desempenha seu papel na concretização da redenção: o Pai envia, o Filho vem, o Espírito vindica (1 Tm 3.16); o Pai planeja, o Filho se sacrifica e ressuscita, o Espírito aplica (p.ex. 1 Pe 1.1-2”.***

**No capítulo 2**, o autor irá tratar a respeito da vinda do Espírito Consolador, o Espírito da Verdade que procede do Pai. Neste contexto será visto que a principal testemunha de Cristo será o Espírito Santo a quem Jesus enviará da parte do Pai (Jo 15.26). Ele é o *parakletos*. O autor afirma que o NT intencionalmente se refere ao ministério do Espírito ao longo da vida de Jesus, desde o ventre de sua mãe até sua morte e além dele. Desta forma o autor procura analisar como isso se revela por meio de três estágios:

- Estágio I: Concepção, nascimento e crescimento.
- Estágio II: Batismo, Tentação e Ministério
- Estágio III: Morte, Ressurreição e Ascensão

O autor afirma que:

***“Jesus Cristo é o mestre de seus discípulos (14.23,26); o Parakletos vem para instruí-los ainda mais. Jesus Cristo é a testemunha que Deus envia; o parakletos é enviado ao mundo para ser uma testemunha (18.37; 15.26). O mundo não conhece nem aceita Jesus Cristo (5.43; 12.48); igualmente o mundo não reconhece o parakletos (14.17). Em todos esses sentidos, o parakletos é aquele que “recebe o que pertence a Jesus Cristo” (cf. 16.14)”.***

**No capítulo 3**, o autor irá tratar sobre o dom do Espírito Santo afirmando que o Pentecostes marcou a transição do antigo para o novo pacto significando o começo do “agora” do dia da salvação. O autor afirma que:

***“É o umbral do último dia e inaugura a nova era na qual a vida escatológica do futuro invade a presente era ruim de uma maneira proplética. [...] O período do Espírito foi o cumprimento da profecia de Joel nos últimos dias. O Dia do Senhor, há muito esperado, enfim chegara; os poderes das eras vindouras enfim se concretizaram. O aspecto característico disto era uma distinção na distribuição do Espírito. Agora ele foi “derramado por Cristo numa medida irrestrita, e distribuído sem limitação étnica, “sobre todo o povo”. [...] “o mistério do ministério do Espírito aponta para a glória da comunhão do cristão com Deus. Nossa comunhão no Espírito é com o Pai e com o Filho (1 Jo 1.3)”.***

O autor encerra o capítulo fazendo a pergunta: ***“Donde o Espírito procede eternamente?”***  
Ele responde:

***“A processão pessoal ou ontológica do Espírito, do Pai, pode com plena aceitação ser vista como “ao Filho” e semelhantemente “do Filho” ao Pai. [...] Essa é precisamente a implicação da analogia de Jesus entre a união do Pai e o Filho, e a união do Filho e os crentes (cf. Jo 14.20; 17.20-23) – o mesmo Espírito é comum a ambas”.***

**No capítulo 4**, o autor irá tratar sobre as implicações de continuidade do Pentecostes para a vida da igreja. É afirmado que é mediante o batismo do Espírito que os crentes e de todas as categorias de crentes (judeus, gregos, escravos, livres são introduzidos no único corpo de Cristo. De modo a trazer entendimento, o autor percebe que em Atos é pressuposto um modelo de acesso, em dois estágios, à posse da benção plena do Espírito. Embora descritos de forma variada, esses estágios são ordinariamente imaginados:

- (1) Regeneração pelo Espírito (conversão e iniciação);
- (2) Batismo com o Espírito.

Neste sentido o autor afirma que o Pentecostes é retratado como um evento histórico-redentivo. Não carece que se interprete primariamente como existencial e pneumatológico e cristológico. Por sua própria natureza, ele faz parte do caráter decisivo, uma vez para sempre, de todo o evento que envolve Cristo (morte, ressurreição e ascensão de Jesus).

O autor afirma:

***“O derramamento inaugural do Espírito cria ondulações à medida que o Espírito continua vindo em poder. O Pentecostes é o epicentro; mas o terremoto avança mais após os impactos. Esses estrondos prosseguem pelos séculos afora. O Pentecostes propriamente dito não se repete; mas uma teologia do Espírito que não suscita oração por sua vinda em poder não é uma teologia do ruach!”***

**No capítulo 5**, o autor irá tratar sobre o aspecto do Espírito de restauração. Será abordado sobre a ordem da salvação (ordo salutis) como entendida pela igreja, visto que a “interpretação de como se consumou a redenção por Cristo carrega consigo inevitáveis implicações pela natureza de sua aplicação ao indivíduo”. As discussões da ordem da salvação (ordo salutis) tentam mostrar a coerência e lógica da aplicação que o Espírito faz da obra de Cristo. O autor percebe estrita ligação do Pentecostes com o decurso da história e neste sentido é afirmado que:

***“... a atividade pós-Pentecostes do Espírito permeia toda a história como diques concêntricos num reservatório. Como no tempo do Antigo Testamento, também no do Novo, sua atividade é soteriológica, comunal, cósmica e escatológica, e envolve a transformação do indivíduo, o governo da igreja e do mundo e a introdução de uma nova era. [...] O alvo do Espírito é a transformação à imagem de Deus como aquela que se expressa na humanidade de Cristo, de modo que os crentes se tornem progressivamente mais verdadeira e plenamente humanos”.***

**No capítulo 6**, o autor irá tratar do Espírito Recriador. De acordo com o autor, a vida em união com Cristo envolve estrita identificação com Ele em sua morte, ressurreição e ascensão; mas também envolve uma correlação da ação de Deus com a ação do homem. A união com Cristo é inaugurada pela obra renovadora do Espírito, na qual ele começa a transformação à imagem de Cristo e se completará na consumação de todas as últimas coisas. O autor cita ensino de Calvino que afirmava que o termo “regeneração” era usado para denotar a renovação que o Espírito efetua em todo o curso da vida cristã. Sobre esta renovação o autor diz que:

***“... a renovação que se efetua na regeneração (e simbolizada no batismo) é não meramente uma mudança interior; é a incursão de uma nova ordem na presente ordem de realidade. [...] Semelhança produz semelhança; nossa regeneração é o fruto da ressurreição de Cristo. Em união com Cristo, ela se efetua aqui e agora e se consumará em seu regresso”.***

A obra do Espírito na regeneração envolve a transformação do homem como um todo que é assistido pela iluminação interior do Espírito, através da revelação externa da Palavra. O autor detalha alguns aspectos da regeneração: O primeiro aspecto implica em iluminação espiritual; o segundo aspecto implica em libertação da vontade, de sua escravidão numa natureza dominada pelo pecado e o terceiro aspecto implica em purificação. O autor ainda irá mencionar que há dois elementos primários no arrependimento, isto é, um reconhecimento de ofensa contra Deus e contra o pacto que ele fez com seu povo assim como um afastamento do pecado à luz das graciosas provisões do pacto divino. Arrependimento equivale a volver-se ao espírito de criatura humana diante do Criador, em reconhecimento de sua misericórdia em favor dos crentes penitentes.

O autor ainda afirma que:

***“O arrependimento é tão necessário para a salvação quanto a fé. A salvação é salvação do pecado. Envolve mais que perdão. Inclui nossa santificação. Deve, pois, engajar os que são salvos no afastamento do pecado, afastamento esse envolvido no arrependimento. [...] Fé é a confiança individual em Cristo; arrependimento é a mesma renúncia individual do pecado. Um não pode existir à parte do outro. [...] Fé e arrependimento, como expressões da regeneração, são, portanto, aspectos da vida cristã não meramente inaugurais, mas característicos e frutos do ministério contínuo do Espírito”.***

**No capítulo 7**, o autor irá tratar do Espírito de Santidade. Será tratado pelo autor o aspecto da santidade vista do ponto de vista do AT e do NT. Neste sentido é visto que no AT, a pessoa e o caráter de Deus também fornece motivo para santificação, pois Deus é santo e conseqüentemente seu povo deve ser santo. Deus também é o agente desta santificação. Quanto ao NT, o autor explica que o motivo, o alvo e o padrão de santificação têm a mesma estrutura básica que no AT, embora o conteúdo de cada aspecto (motivo, alvo e padrão) seja agora mais completo, ou cristocentricamente falando. O alvo é o mesmo: a restauração da imagem divina (Ef 4.24; Cl 3.10). O padrão é o mesmo: os indicativos da graciosa autorevelação de Deus deu origem aos imperativos do coração e à conformidade da vida com Ele. Em conformidade com a Palavra será visto que antes à união com Cristo, os que jazem em Adão estão “em” e “vivem” segundo a carne, mas o que estão em Cristo, estão “no Espírito” e vivem “segundo o Espírito”. O apóstolo Paulo afirma que os crentes cristãos não estão na carne (en sarki), mas no Espírito (en pneumati) (Rm 8.9). A antítese é radical e completa. A ideia de um cristão na carne (en sarki) é uma contradição irracional conforme nos diz 1 Co 3.1-3, em virtude de ser ele habitação do Espírito e, por definição ser um cristão no Espírito (en pneumati).

O autor sintetiza o conflito e a solução final deste conflito na vida do cristão somente:

***“No presente, o crente clama por livramento do corpo de morte, ainda que, por meio da habitação do Espírito, já possua a garantia desse livramento. A surpreendente realidade da santificação divina consiste em que a presença do Espírito em nossos corações é a causa fundamental do estabelecimento do conflito. Os que possuem as primícias do Espírito são os que gemem intimamente enquanto aguardam ansiosamente a adoção, a redenção de seus corpos (Rm 8.23). [...] Unidos com Cristo em sua morte, plantados com ele ou crescendo juntamente com ele nela (Rm 6.5), os crentes participarão igualmente de sua ressurreição. Isso é verdadeiro agora, tanto interior quanto exteriormente; um dia, no escathon, será verdadeiro plena e finalmente”.***

**No capítulo 8**, o autor irá tratar sobre a Comunhão do Espírito. É afirmado pelo autor que a habitação do Espírito Santo é retratada no NT como inerentemente pessoal, ou seja, o Espírito, pessoalmente, habita os crentes considerados como entidades físicas (Rm 8.11). O Espírito agora habita pessoalmente naqueles que são seres frágeis, mortais e fisicamente atingidos pela vergonha, mas no futuro o Espírito não somente irá habitar os crentes, mas irá transformar toda sua existência no que pode ser chamado de existência física espiritual. A natureza da vida espiritual transformará nossas vidas. O autor afirma que o caráter desta habitação “subescatológica” é expressa por três metáforas que ligam sua obra presente e a futura, o “já” e o “ainda não” da experiência cristã.

- O Espírito é o penhor da herança final e sua presença como o “Espírito doador da vida”.
- O Espírito é também as primícias da consumação escatológica.
- O Espírito é o selo do crente para a redenção.

Outro aspecto importante que será tratado é que o próprio espírito do cristão revela uma consciência de filiação.

Neste sentido o autor afirma que:

***“A certeza da filiação não é reservada para um cristão altamente santificado; é o direito de primogenitura até mesmo do crente mais frágil e oprimido. Esta é sua glória”.***

O autor estabelece que como Paráclito, o Espírito é também o Espírito de intercessão. Portanto, a “oração é uma expressão de culto e adoração, bem como de necessidade pessoal. O autor conclui:

***“Orar no Espírito é a oração que se conforma à vontade e propósito do Espírito”.***

**No capítulo 9**, o autor irá apontar a significância do corpo de Cristo, e assim afirma:

***“Cristo é o Senhor e governante tanto do “kosmos” como da “ekklesia”. Individuos são introduzidos na igreja, a qual é o corpo de Cristo, que é a sociedade daqueles que, em virtude de sua união com Cristo, pela graça e fé, são inextricavelmente unidos num só feixe de vida; pertencem uns aos outros porque pertencem a Cristo, seu Senhor e cabeça”.***

Quanto a ministração da água batismal entendida como sendo um sinal de inauguração e o batismo como o Espírito sendo a introdução na vida de união com Cristo. O arrependimento, água batismal, o perdão dos pecados e o dom do Espírito são vistos como aspectos correlativos da única realidade do ingresso em Cristo, e assim na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O autor afirma que:

***“O batismo é visto reiteradas vezes como se fosse primordialmente um espelho de nossa experiência espiritual da conversão, e como se o cerne de sua significação fosse o testemunho à nossa fé em Cristo. Ele é assim interpretado como um sinal de nossa resposta ao evangelho na conversão.***

*Mas essa não é a perspectiva neotestamentária, e minimiza o ministério iluminador do Espírito em relação ao batismo, para não mencionar a minimização correspondente da benção do batismo, já que todos os indivíduos tendem a ver nele o reflexo do topo de sua própria fé.*

*Ao contrário, o batismo é, primeiramente e acima de tudo, um sinal e selo da graça, da atividade divina em Cristo, bem como das riquezas de sua provisão para nós. Não é a fé que é significada ou selada. É Cristo. Ele é Aquele cuja graça divisamos na água do batismo. A fé, pois, não é selada diretamente pelo batismo. Ao contrário, o evangelho de Cristo é selado pelo sinal ao qual, quanto à promessa na palavra, a fé responde. Assim, o evangelho nos é confirmado pelo Espírito que opera com o sinal interpretado pela palavra, e, por essa confirmação, a fé propriamente dita é fortalecida e assegurada”.*

No capítulo 10, o autor irá tratar sobre os dons para o ministério. E neste sentido é enfatizado que:

*“A correlação entre a ascensão de Cristo e a descida do Espírito assinala que o dom e os dons do Espírito servem como a manifestação externa do triunfo e entronização de Cristo. [...] O Espírito que dá a Palavra a usa para equipar o povo de Deus a fim de exercer os dons específicos que eles, individualmente, tenham recebido (Ef 4.11-16). [...] Implícito na posse dos dons está o duplo princípio de dependência a Cristo e serviço prestado a outros, visto que os dons do Espírito são dados ao individuo essencialmente para a edificação dos outros, muito mais que a si próprio”.*

O autor irá tratar também da dificuldade sobre a natureza do ato de falar em línguas e da profecia. No aspecto do ministério profético será feito o contraponto do segundo nível de profecia como defendido por Wayne Grudem e será o alvo do autor para um profundo debate. O autor afirma que:

*“Não há necessidade de recorrer à tese de que dois níveis de profecia estão em vista, especialmente quando nem o Novo Testamento, em geral, nem Ágabo, em particular, faz referência ou revela a consciência de tal distinção”.*

O autor encerra o capítulo afirmando:

*“O Espírito não deve ser apagado, nem desprezada a profecia (1 Ts 5.19-20). Toda a iluminação e discernimento dados pelo Espírito devem ser recebidos e acolhidos pelo que são. Todavia, categorizá-los como profecia é antes de tudo*

*confundir a obra do Espírito, a já completada e a contínua, e, pior ainda, distrair o povo de Deus no tocante à suficiência da Escritura. [...] A vida eclesial contemporânea, quando visualizada à luz de alguma era futura, não nos provará que um dos seus enigmas, qual seja, a abdicação da qualidade e da confiança na exposição da Escritura e a fascinação com a imediação das línguas, interpretações, profecia e milagres, era coincidência?”*

**No capítulo 11**, o autor começa fazendo uma pergunta: “Qual é a relação entre a ordem das coisas criadas e a ordem redimida?” então responde que: “O cosmos atual encontra seu sentido último no cosmos futuro, visto que seu destino está encerrado no futuro dos filhos de Deus (Rm 8.20,21). Então, o que dizer do Espírito? Se ele é o Espírito criador, podem também falar dele como o Espírito cósmico, de modo que os propósitos de Deus para o mundo como tal, não meramente para indivíduos, nem ainda para a igreja, estão conduzindo tudo à consumação através de seu ministério?”

O autor irá tratar do universalismo como característico de ver o Espírito de Deus em ação de uma forma unificadora em todos os povos e religiões. Ele afirma que:

*“O Novo Testamento coloca o Espírito e o mundo num relacionamento antitético, não conciliatório. O mundo não pode ver nem conhecer o Espírito (Jo 14.17); o Espírito convence o mundo (Jo 16.8-11); o espírito do mundo e o Espírito de Deus são um contra o outro (1 Co 2.12-14; 1 Jo 4.3). [...] o papel do Espírito de Deus que tem exercido, na história, a energia executiva do Pai e trouxe glória ao Filho, será visto em seu estado consumado. Então, aquilo pelo qual o Espírito foi dado no Pentecostes, e com vistas ao qual ele sela a igreja, será concretizado em sua totalidade”.*

### **Apreciação crítica do texto**

Podemos expressar a ideia que esta obra pode ser considerada de excelente qualidade literária. Sinclair B. Ferguson abordou o texto sagrado de forma bíblica, exegética e equilibrada. Trouxe valioso entendimento da pessoa e obra do Espírito Santo, prioritariamente nestes dias onde temos percebido tanta “aberração teológica” no campo da pneumatologia fruto do impacto do pentecostalismo e do movimento carismático. A literatura sobre o Espírito Santo tem desfrutado de significativo espaço no meio evangélico e a prova disso é que um enorme volume de livros sobre o Espírito Santo tem sido adquirido por muitos leitores ávidos por conhecimento. É fato que alguns pontos de conflito ideológico foram tratados com seriedade e afinco. Nestes tempos de relativização da verdade, precisamos de autores com a ousadia e intrepidez de Sinclair Ferguson. A obra deve ser lida e relida com a devida reverência, apreciação e análise porque nossa verdadeira reflexão sobre o Espírito é certamente o alvo da comunhão pessoal com Ele, através de quem somos exortados a adorar, glorificar e obedecer ao Pai e ao Filho.